ISSN: 2358-8829

ENTRE MASSAS, SONHOS E AUTONOMIA: EXPERIÊNCIAS DE EMPREENDEDRISMO FEMININO EM UM PROJETO SOCIAL

Ellen Silva de Oliveira Marques [1]

INTRODUÇÃO

A educação não se limita às instituições escolares. Ela também se constitui nas relações sociais e nas experiências que as pessoas desenvolvem nos espaços comunitários, onde histórias de vida, saberes e necessidades concretas se encontram. Nesses ambientes, aprender pode significar não apenas adquirir uma técnica, mas reconhecer capacidades, construir vínculos e ampliar as possibilidades de participação na vida coletiva.

A inserção das mulheres no mundo do trabalho, marcada por desigualdades e diferentes formas de precarização, torna relevante a construção de oportunidades formativas que não reduzam suas experiências à obtenção de renda. É preciso considerar que as mulheres chegam aos espaços educativos com conhecimentos, trajetórias e responsabilidades que precisam ser valorizados. Ao mesmo tempo, a formação profissional pode criar oportunidades para que novos saberes sejam construídos coletivamente.

Foi nesse horizonte que se desenvolveu o curso de extensão Gestão e Sabor: Empreendedorismo Feminino por meio da Economia Solidária, articulado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), Campus Itacoatiara, em parceria com o Centro Espírita Maria Dolores, no espaço comunitário da Obra Social Chico Xavier, em Itacoatiara, Amazonas. A proposta reuniu formação em empreendedorismo, economia solidária, ferramentas digitais e práticas de produção de bolos e doces artesanais.

O trabalho tem como objetivo apresentar e discutir essa experiência, com atenção às contribuições das atividades formativas para a aprendizagem de conhecimentos de gestão, a cooperação, o protagonismo e a formação humana das mulheres participantes. Não pretendemos compreender a produção de alimentos como um fim em si mesma, mas refletir sobre os sentidos educativos constituídos nas relações que acompanharam o fazer coletivo.

[1] Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - Campus Itacoatiara. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES. Bolsista CAPES. ellen.oliveira@ifam.edu.br

ISSN: 2358-8829

Nessa perspectiva, o empreendedorismo feminino é abordado em diálogo com a economia solidária, compreendida como possibilidade de pensar a organização do trabalho a partir de princípios como cooperação, participação e responsabilidade compartilhada. Essa aproximação não elimina as dificuldades estruturais enfrentadas pelas mulheres nem permite afirmar que uma formação breve produza, por si só, emancipação econômica. Entretanto, abre espaço para analisar experiências de aprendizagem e reconhecimento de capacidades presentes no cotidiano do curso.

O relato apoia-se nas contribuições de Gohn (2010), Freire (2023), Alves (2023), Oliveira (2022) e Dolabela (2015). O diálogo entre esses autores procura aproximar educação não formal, formação humana, empreendedorismo e relações de trabalho, preservando a complexidade das experiências vivenciadas pelas participantes.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, desenvolvido a partir da observação participante das atividades formativas e das vivências construídas no curso Gestão e Sabor. A formação presencial foi realizada em 2022, com carga horária efetivamente cumprida de 40 horas. A proposta original foi destinada às mulheres vinculadas ao Clube de Mães do Centro Espírita Maria Dolores, em articulação com a ação de extensão do IFAM.

O percurso formativo articulou atividades teóricas e práticas. Conforme o projeto pedagógico que orientou a experiência, a distribuição das 40 horas compreendeu empreendedorismo (6 horas), economia solidária, associativismo e cooperativismo (8 horas), ferramentas digitais para empreender (6 horas), produção de bolos caseiros (10 horas) e produção de doces artesanais (10 horas). Essa organização evidencia o propósito de aproximar conhecimentos sobre gestão de experiências práticas de produção.

As atividades foram acompanhadas por meio de observação participante, atenta às interações, à colaboração, à criatividade, à motivação e às formas de envolvimento das participantes. A interpretação apresentada decorre das vivências acompanhadas, sem utilização de instrumentos quantitativos de mensuração de renda ou de comparação antes e depois do curso.

A abordagem educativa buscou articular momentos de exposição dialogada, compartilhamento de experiências e atividades de “mão na massa”. No planejamento original, destacavam-se a contextualização dos conhecimentos, o respeito aos diferentes ritmos de

aprendizagem e a valorização dos saberes prévios das participantes. A realização das oficinas de confeitaria permitiu observar a relação entre planejamento, organização do trabalho e execução de etapas produtivas.

Para a análise do relato, foram considerados os aspectos registrados no resumo aprovado: fortalecimento da autoestima e da motivação, criatividade, reflexão crítica, troca e ampliação de saberes, cooperação, autogestão, participação e pertencimento. Essas dimensões são discutidas de maneira interpretativa, sem atribuir falas não registradas às participantes e sem generalizar os resultados para outras experiências formativas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação não formal, na discussão de Gohn (2010), permite reconhecer processos de formação que se desenvolvem para além da escola, em espaços atravessados por relações sociais, participação e experiências coletivas. A aprendizagem nesses ambientes não pode ser compreendida apenas pela transmissão de conteúdos: ela se constitui também na convivência, na troca de conhecimentos e nas oportunidades de atuar com outras pessoas.

A experiência do Gestão e Sabor situa-se nesse campo. O curso não esteve centrado somente em ensinar receitas ou instrumentos de gestão. Sua proposta aproximou conhecimentos técnicos de práticas comunitárias e de uma discussão sobre a organização do trabalho em bases cooperativas. Nesse sentido, os conteúdos puderam ser relacionados às necessidades concretas de formação das mulheres e aos saberes que já traziam de suas trajetórias.

Freire (2023), em Educação e mudança, contribui para pensar a educação como possibilidade de participação consciente na realidade. Tal compreensão exige reconhecer as pessoas como sujeitos de saberes e experiências. No curso, esse referencial oferece uma chave de leitura para o lugar da escuta, da troca e da participação, sem reduzir as participantes a destinatárias passivas de uma capacitação.

Em diálogo com essa perspectiva, Alves (2023) convida a considerar a sensibilidade nos processos educativos. Aprender também envolve curiosidade, vínculos, experimentação e a possibilidade de encontrar sentido no que se faz. A formação humana se amplia quando o desenvolvimento de uma habilidade dialoga com o reconhecimento das pessoas e de suas experiências.

Ao relacionarmos Gohn, Freire e Alves, entendemos que os processos educativos não formais podem ser espaços de encontro entre conhecimentos e relações humanas. O trabalho com massas e doces, nessa perspectiva, ganha densidade analítica quando observado

ISSN: 2358-8829

juntamente com a organização das atividades, a colaboração e o compartilhamento de decisões durante a aprendizagem.

O empreendedorismo e a economia solidária, por sua vez, precisam ser diferenciados de uma visão estritamente individualizada de sucesso profissional. No projeto original, a formação incluía o estudo de associativismo e cooperativismo, de seus princípios, características e possibilidades de organização. Assim, a ideia de empreender foi aproximada da importância das relações coletivas e de alternativas de participação no mundo do trabalho.

As contribuições de Oliveira (2022) permitem refletir sobre a gestão de empreendimentos sociais a partir da inovação, da diversidade e do protagonismo. Dolabela (2015), por sua vez, contribui para compreender o planejamento de negócios e a transformação de ideias em iniciativas empreendedoras. Em diálogo com a economia solidária, essas perspectivas ajudam a problematizar a relação entre qualificação profissional, organização coletiva e autonomia, sem desconsiderar as desigualdades que atravessam a vida das mulheres. anunciado: a aprendizagem de habilidades empreendedoras articulada à autonomia, à participação e ao reconhecimento dos saberes das mulheres.

Essa articulação exige cuidado crítico. Uma oficina de curta duração pode criar oportunidades de aprendizagem, mas não comprova, isoladamente, geração de renda permanente, inserção no mercado ou superação das desigualdades de gênero. Ao tratar de autonomia e emancipação, interessa-nos observar os movimentos formativos percebidos no contexto da experiência e reconhecer seus limites.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As oficinas evidenciaram a possibilidade de integrar diferentes conhecimentos em uma experiência educativa comum. O processo formativo contemplou temas de empreendedorismo e organização de negócios, princípios da economia solidária, ferramentas digitais e práticas de confeitaria. Durante as atividades, a produção artesanal tornou-se uma ocasião para articular explicações, experimentações, colaboração e aprendizagem no fazer.

A observação participante permitiu reconhecer, conforme o relato sintetizado na submissão inicial, manifestações de motivação, envolvimento e criatividade. Também se destacaram momentos de compartilhamento de conhecimentos e de colaboração entre as participantes. Esses aspectos não são tratados como indicadores quantificados, mas como elementos significativos das vivências acompanhadas.

ISSN: 2358-8829

As oficinas de bolos e doces foram importantes porque colocaram as participantes diante de situações concretas: identificação dos ingredientes, preparação, acabamento e organização dos produtos. O projeto pedagógico previa, nessas unidades, atenção aos procedimentos de preparo, às boas práticas de fabricação e ao uso de utensílios e equipamentos. Nas atividades realizadas, as aprendizagens técnicas estiveram articuladas a situações de troca entre as participantes.

A experiência permitiu pensar a aprendizagem como processo construído nas relações. Em vez de separar rigidamente quem ensina e quem aprende, as oficinas possibilitaram observar a circulação de saberes durante a realização das tarefas. Essa dimensão aproxima-se da discussão de Gohn (2010) sobre a formação em contextos não formais e do reconhecimento Freireano da experiência dos sujeitos.

Os registros fotográficos das oficinas permitem visualizar o caráter coletivo da experiência: mulheres reunidas em torno de uma mesa, observando e realizando etapas da preparação e do acabamento dos alimentos. A Figura 1 documenta essa interação durante a atividade prática. Mais do que apresentar os produtos, a imagem situa as participantes como protagonistas de um processo de aprendizagem compartilhada, sem que a fotografia, isoladamente, permita medir mudanças de autoestima ou autonomia.



Figura 1 – Participantes durante uma oficina prática de produção de doces.
Fonte: Acervo do projeto Gestão e Sabor (2022).

O trabalho coletivo também se relacionou à discussão sobre cooperação. Na economia solidária, a valorização da participação e da responsabilidade compartilhada pode oferecer referências para pensar formas de organização do trabalho. No contexto do curso, esses princípios foram abordados como parte da formação, sem que isso signifique afirmar a criação efetiva de uma cooperativa.

ISSN: 2358-8829

Outra dimensão do percurso foi a formação sobre ferramentas digitais para pequenos negócios. O projeto original previa conteúdos relacionados à comunicação online e ao uso de aplicativos e redes sociais, como WhatsApp Business, Instagram e Canva. Essa presença no currículo mostra uma preocupação com a comunicação dos produtos e com formas de apresentação das iniciativas de trabalho. O relato não dispõe, porém, de dados que permitam demonstrar resultados comerciais posteriores ao curso.

No conjunto das experiências observadas, o entusiasmo durante as atividades e o compartilhamento de conhecimentos foram aspectos destacados no resumo simples aprovado. As práticas coletivas ofereceram oportunidades de experimentar, observar o trabalho das colegas, discutir procedimentos e aprender com os resultados obtidos nas oficinas.

A Figura 2 registra outro momento do fazer coletivo, no qual as participantes compartilham a bancada de trabalho e se envolvem com o preparo dos alimentos. É a experiência de fazer junto que interessa à discussão: aprender envolve atenção aos procedimentos, experimentação, diálogo e convivência. Em aproximação com Alves (2023), essa dimensão nos convida a reconhecer também a sensibilidade e as relações humanas presentes nas ações educativas.



Figura 2 – Mulheres participando do preparo de doces artesanais.
Fonte: Acervo do projeto Gestão e Sabor (2022).

Na interpretação dessa experiência, criatividade e participação aparecem vinculadas às práticas realizadas, enquanto autonomia e emancipação constituem dimensões formativas a

ISSN: 2358-8829

serem discutidas com prudência. O curso criou oportunidades para desenvolver habilidades e participar de experiências coletivas; não permite, por si só, concluir que todas as participantes passaram a empreender ou alcançaram independência financeira.

A experiência também revelou a importância de pensar a formação para além do indivíduo isolado. A proposta original esteve vinculada a uma iniciativa comunitária que já desenvolvia ações voltadas às mulheres. Essa articulação entre uma instituição pública de educação profissional e um espaço não formal de educação permitiu aproximar a formação técnica de uma realidade social concreta.

A discussão sobre autoestima e motivação, presente no resumo aprovado, deve ser compreendida a partir das observações do processo formativo, e não como resultado de uma avaliação psicológica. Da mesma forma, a reflexão sobre empoderamento se refere às possibilidades de participação, aprendizagem e reconhecimento de capacidades percebidas nessa experiência, sem extrapolar para mudanças permanentes não acompanhadas posteriormente.

Nessa direção, a ideia de pertencimento ganha sentido no encontro entre aprendizagem e convivência: as oficinas ofereceram oportunidades para compartilhar experiências em um espaço conhecido pelas participantes. A formação técnica passou a dialogar com a vida comunitária, aspecto que torna especialmente relevante a discussão da educação não formal como campo de formação humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência buscou apresentar as contribuições do curso Gestão e Sabor: Empreendedorismo Feminino por meio da Economia Solidária, desenvolvido na Obra Social Chico Xavier, em parceria com o IFAM – Campus Itacoatiara. A formação presencial de 40 horas articulou conhecimentos sobre empreendedorismo, economia solidária, ferramentas digitais e produção artesanal de bolos e doces.

As vivências acompanhadas evidenciaram possibilidades de aprendizagem que ultrapassam a execução de técnicas de confeitaria. O compartilhamento de saberes, a criatividade, a participação nas atividades e a cooperação foram dimensões importantes do processo observado. Ao relacioná-las aos referenciais de educação não formal e formação humana, compreendemos que os conhecimentos construídos no curso também se constituíram nas relações entre as participantes.

A experiência não elimina as desigualdades enfrentadas pelas mulheres no mundo do trabalho, mas contribui para refletir sobre o papel de ações educativas comunitárias que valorizem suas trajetórias e articulem qualificação, solidariedade e participação.

Entendemos, portanto, que a dimensão formativa do projeto está tanto nas habilidades de gestão e produção quanto nas oportunidades de aprender com o outro, experimentar, colaborar e reconhecer possibilidades de atuação. Nesse movimento, a educação não formal mostra sua relevância para uma formação humana que não separa os saberes técnicos das relações sociais e dos sentidos atribuídos ao trabalho.

Os resultados aqui discutidos se limitam às observações e vivências do curso. Não foram apresentados dados de acompanhamento longitudinal, impacto na renda ou formalização de negócios. Novas investigações poderiam acompanhar trajetórias posteriores das participantes e aprofundar a compreensão sobre os efeitos de experiências semelhantes na organização coletiva e nas condições concretas de trabalho.

Por fim, a experiência nos convida a reconhecer que aprender a fazer também pode ser aprender a compartilhar, participar e construir conhecimentos com outras pessoas. A formação humana se revela justamente quando os saberes adquirem sentido na vida em sociedade, e quando a oportunidade de aprender considera a dignidade e as potencialidades de quem aprende.

Palavras-chave: Empreendedorismo Feminino, Formação Humana, Economia Solidária, Educação não Formal, Gestão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Por uma educação sensível**. Organização de Raquel Alves. Jandira, SP: Principis, 2023.

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luísa**: uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa. São Paulo: Saraiva, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

GOHN, Maria da Glória**. Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos. São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Amanda. **O jeito Valquírias de fazer gestão:** como acelerar empreendimentos sociais por meio de inovação, diversidade e protagonismo. São Paulo: Editora Gente, 2022.